

A TV QUE NÃO VÊ: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO TRANS NAS REPORTAGENS LOCAIS DA REDE GLOBO

THE TV THAT DOESN'T SEE: AN ANALYSIS OF TRANS REPRESENTATION IN THE LOCAL GLOBO NETWORK REPORTS

Regiane Regina Ribeiro^{1*}

Eleonora Camargo Mendonça^{2**}

RESUMO:

A escolha do entrevistado, o ângulo da câmera, o enfoque do tema e o texto narrado são alguns dos elementos que enquadram e (re)constroem o real na produção de uma reportagem de TV. Fala-se, então, em jornalismo enquanto representação da representação. Partindo dessa ideia, este estudo propõe analisar descritivamente as formas de representação de transexuais e travestis nesse artefato cultural a partir de um *corpus* de dez reportagens veiculadas pela Rede Globo e afiliadas, com base no método proposto pela autora Vânia Costa. A definição do veículo seguiu a classificação de audiência, e o material foi coletado da *internet*. Este artigo toma como base teórica os Estudos Culturais em telejornalismo e os Estudos de Gênero e demonstra uma quase ausência de visibilidade de transgêneros, seja enquanto fonte, tema, enfoque ou personagem. A partir da análise realizada, observa-se que, quando a questão é discutida, traz uma cobertura pontual (agenda) ou o reforço de um “bom exemplo”. Ficam à margem a desigualdade e a violência enfrentadas diariamente.

PALAVRAS-CHAVE:

Telejornalismo, representação, transexualidade.

1* Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Tem graduação em Comunicação Social. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (Nefics), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora permanente do mestrado em Comunicação nessa instituição. Atualmente coordena a pesquisa Representação, representatividade e interseccionalidades: um mapeamento das categorias (raça, sexualidade e gênero) em articulação nas narrativas audiovisuais. E-mail: regianeribeiro5@gmail.com

2** Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Núcleo Estudos em Ficção Seriada (Nefics). E-mail: eleonoracmendonca@gmail.com

ABSTRACT:

The choice of the interviewee, the angle of the camera, the focus of the theme, the narrative are some of the elements that frame and (re) construct the real in the production of a TV report. It is the journalism as Representation of the Representation. Based on the method proposed by author Vânia Costa, the present study proposes to analyze descriptively the forms of representation of transsexuals and transvestites in this cultural artefact, based on a corpus of ten reports published by Rede Globo and affiliates. The definition of the vehicle followed the audience rating and the material was collected from the internet. The study takes as theoretical basis Cultural Studies in journalistic activity performed on TV and Gender Studies. It demonstrates a near absence of visibility in the issue of transgender, either as a source, theme, focus or character. From the analysis carried out, it is observed that, when the question is discussed, it provides a timely coverage (agenda) or reinforcement of a “good example”. The inequality and the violence faced daily are, usually, marginalized.

KEYWORDS:

Telejournalism, representation, transsexuality.

INTRODUÇÃO

A televisão tem um papel determinante na sociedade: ligar as pessoas. É através da linguagem audiovisual que ela promove a integração em torno de exemplos e boas causas. Assistir à TV é participar de uma atividade transversal de importância política e social. É isso que apontam Duccini (2011)¹ e Porcello (2015) - este a partir da leitura de Zygmunt Bauman (2007), Dominique Wolton (1990) e Edgar Morin (2002). Mas será que ela está conseguindo cumprir essa tarefa agregadora? Todos os públicos estão realmente assistindo e participando da diversidade (social, de temas e discussões, de fontes e opiniões)? Esses são os questionamentos iniciais que inspiram o presente artigo, que se propõe a buscar respostas a partir da análise exploratória de dez reportagens das afiliadas da Rede Globo que retratam a transexualidade. O principal objetivo, portanto, é elencar e discutir de forma inicial (e a partir de um recorte pequeno) como se dá a representação² das pessoas trans no telejornalismo local e recente dessa emissora.

De acordo com Lobo e Cabecinhas (2008), é importante considerar que a cobertura noticiosa televisiva e seu trabalho de representação social não devem ser encarados de forma individualizada, mas observados enquanto ferramentas que atuam tanto no

reforço de estereótipos quanto na mudança de mentalidades. Alsina (2009) também traz essa questão quando afirma que os *media* promovem, sim, a visibilidade de realidades, mas em detrimento de outras. Nesse processo estão imbricadas diversas estratégias discursivas, às vezes invisíveis aos espectadores.

Quando se fala em reportagens de televisão, tais estratégias estão presentes não somente no texto narrado pelo repórter ou na escolha das imagens que aparecem na tela, mas também na fala do apresentador, na luz, no enquadramento e no silêncio. (BOURDIEU, 1997) E é justamente em busca do entendimento dessa construção que este texto caminha.

EM BUSCA DE UM OBJETO DE PESQUISA

Sabe-se que em um artigo científico normalmente ficam de fora a primeira pessoa e o relato autoral. Contudo, considera-se válido para o entendimento deste estudo apresentar as etapas que precederam a investigação propriamente dita, o caminho percorrido e as dificuldades encontradas ao longo do percurso. Tais pontos serão pertinentes nas considerações finais da pesquisa.

O objetivo inicial deste estudo era começar uma verificação sobre a forma como se dava a representação de transexuais, *drag queens* e travestis no *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão. Para tanto, uma semana aleatória foi selecionada para análise - de 5 a 10 de junho de 2017. Contudo, após pesquisar em mais de 270 minutos de reportagens, não foram encontrados fontes, personagens ou temas ligados à transexualidade/transgeneridade. Em um primeiro momento, cogitou-se que se tratava de um período tomado pela temática política - por conta de novidades relacionadas a esquemas de corrupção no país - e que, por isso, outros assuntos seriam desconsiderados.

Partiu-se, então, para a análise de uma segunda semana aleatória - de 1º a 6 de maio de 2017. Nessa avaliação também não foram encontrados entrevistados, discussões ou protagonistas de histórias relacionadas a pessoas trans. Portanto, até então, não havia objeto de estudo consolidado para se debruçar.

A saída para contornar essa falta de representação foi realizar uma busca no *site* da Globo, a partir das palavras-chave “trans” e “LGBT”, para coletar reportagens produzidas pela emissora. Selecionaram-se as cinco notícias em vídeo mais recentes de cada uma das duas palavras de pesquisa, de quaisquer afiliadas, veiculadas nos jornais da

primeira ou da segunda edição do dia. Tal estratégia reflete de antemão um problema de representação que mais tem a ver com a ausência do que propriamente com a desigualdade presente no conteúdo disponibilizado por esse *media*.

Essa situação é elencada por Pierre Bourdieu (1997) na obra *Sobre a televisão* e explicitada sob a ótica de Porcello (2015). Para o autor, o telejornal é como um ônibus, e as notícias são como passageiros. “Cada informação que entra ocupa o lugar de outra que não pode ser dada justamente pela falta de tempo e espaço no noticiário”. (PORCELLO, 2015, p. 151) Mas que fatos são esses que não costumam embarcar na TV?

PERCURSO DE ANÁLISE

Após o estabelecimento dos critérios para seleção das reportagens, foi possível determinar um método para esta pesquisa, que se caracteriza como exploratória. Tal mecanismo de análise é baseado nas incursões metodológicas que a autora Vânia Costa (2015) utilizou para estudar uma série de matérias produzidas pela TV Globo sobre a Amazônia.

A pesquisadora divide sua investigação em duas partes: a primeira voltada para a dimensão verbal e audiovisual, e a outra para as formações discursivas. Naquela, o objetivo é elencar aspectos de luz e som, recursos gráficos e enquadramentos. Já a segunda etapa visa elencar a formação ideológica, o tom do texto, os silêncios e os sentidos propostos. (COSTA, 2015)

Tendo em vista a complexidade de aplicar tais critérios de investigação, a pesquisadora levanta a dificuldade em analisar reportagens televisivas e indica que o método pensado por ela leva em consideração justamente essa diversidade, dada a heterogeneidade do objeto. Tal metodologia - base do presente estudo - propõe a convergência de várias teorias e pensadores pelo norte do viés cultural. (COSTA, 2015)

Quem explicita essa associação entre jornalismo e Estudos Culturais é a pesquisadora Ana Carolina Escosteguy (2012). “Trata-se de pensar a prática jornalística de modo integrado” (ESCOSTEGUY, 2012, p. 25), levando em consideração o passado, a produção, seu contexto e sua recepção. Segundo a autora, é a partir dessa dimensão cultural que é possível observar a produção de sentidos, as representações sociais e a normatização de práticas e relações.

Ainda sobre esse processo de representar, Vânia Costa (2015) entende que o telejornal é a representação do real e que, por isso, precisa ser observado não somente a partir de seus aspectos de produção, mas também com base no contexto e nas relações de poder e de legitimação em que está envolvido.

O autor Caio Costa (2009) vai além e identifica o jornalismo como representação da representação. Ele vê o jornalista como responsável por reproduzir e interpretar as visões de mundo de outras pessoas, a partir de seu próprio olhar. Nesse processo estão presentes, no mínimo, as perspectivas do comunicador, do representado e do espectador.

Num mundo de representações, que é o mundo da mídia tradicional, o jornalista rerepresenta as representações de outrem para os outros. Ele encaixará nelas a sua própria representação, a qual manipula, maneja, hierarquiza as representações que lhe foram feitas pelas diversas fontes consultadas. Ele re-apresenta com sua capacidade de representar (COSTA, 2009, p. 40).

Segundo Costa (2009), cada uma dessas representações carrega uma ideologia, uma crítica, uma ideia - todas baseadas e erigidas a partir do Outro. Sob essa perspectiva, para Escosteguy (2012), o jornalismo enquanto forma cultural cumpre papel importante nos processos de dominação e de exclusão. Por não serem apenas transmissores de informação, os jornalistas devem, de acordo com a autora, entender o peso da narrativa na representação da realidade.

Nas narrativas das dez reportagens analisadas, a presença de transexuais, travestis e *drag queens* ou da temática LGBTI+ foi dividida em três categorias, baseadas nas Formações Discursivas propostas por Vânia Costa (2015)³: uma data específica que elenca a promoção de igualdade e de políticas públicas; fatos e dados relacionados à violência e à desigualdade de gênero; e realização de ações e apresentação de situações exemplares. Na Tabela 1 é possível observar a descrição das notícias estudadas.

Tabela 1: Quadro das dez reportagens analisadas por título/tema, palavra-chave pesquisada, emissora afiliada em que foi produzida, data de exibição, duração e tipo

ID	Tema/retranca	Programa/afiliada	Palavra-chave	Data	Duração (minutos)	Tipo ⁴
1	“Prêmio de Direitos Humanos e Cidadania LGBT é entregue em Belo Horizonte” (2017)	<i>Bom Dia Minas</i> <i>TV Globo Minas</i>	LGBT	14 de julho	2:07	VT

2	“Parada LGBT encerra a semana da diversidade em Prudente” (2017b)	SPTV 2ª edição TV Fronteira	LGBT	10 de julho	0:37	NC
3	“11ª Parada do Orgulho LGBT é realizada em Presidente Prudente” (2017)	SPTV 1ª edição TV Fronteira	LGBT	10 de julho	1:58	VT
4	“Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo encerra Semana da Diversidade” (2017a)	Bom Dia Fronteira TV Fronteira	LGBT	10 de julho	0:23	NC
5	“Semana da Diversidade fecha com Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo” (2017)	SPTV 1ª edição TV Fronteira	LGBT	8 de julho	3:10	VT
6	“Mulheres e homens trans têm maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho” (2017)	PITV 1ª edição TV Clube	Trans	24 de maio	3:45	VT
7	“Show trans reúne atrizes travestis e transsexuais com experiência em palcos” (2017)	Bom Dia Alagoas TV Gazeta	Trans	12 de maio	2:22	VT
8	“Câmara de Uberlândia aprova em 1º turno projeto sobre uso do nome social de pessoas trans” (2017)	MGTV 2ª edição TV Integração	Trans	10 de março	3:07	VT
9	“Dia Nacional da Visibilidade Trans é lembrado em Roraima” (2017)	JRR Roraima TV	Trans	27 de janeiro	5:48	Estúdio
10	“Mutirão ajuda pessoas trans e travestis a mudar nome no Recife” (2017)	Bom dia PE TV Globo Nordeste	Trans	25 de janeiro	8:01	Stand-up ao vivo

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O TEMA É A DESIGUALDADE

Com base nas três categorias elencadas anteriormente foi possível observar que em apenas uma das reportagens o tema principal era a desigualdade de gênero e suas implicações - neste caso, na hora de conseguir um emprego. (MULHERES..., 2017) A questão é discutida inicialmente pela coordenadora de Enfrentamento à LGBTfobia da Secretaria da Assistência Social e Cidadania. Sua fala explicita a difícil situação de acesso ao mercado de trabalho. A passagem da repórter, seguida de uma arte, traz dados sobre a violência que são comentados, logo na sequência, por uma socióloga. Então, traz-se um “bom exemplo”: uma professora transexual que reúne inúmeras histórias de acolhimento dentro e fora de sala de aula. A personagem relata de forma serena e sorridente que nunca sofreu a discriminação que achou que passaria. Vê-se aí um pequeno extrato da

chamada “indústria da felicidade”, que filma testemunhos de vitória e superação para que se contemple o sorriso alheio, se avalie a existência e se decrete o que cada um gostaria de ser ou parecer. (FREIRE FILHO, 2012, p. 76) Dois ex-alunos da entrevistada relatam a boa experiência de tê-la como professora, e é ela que finaliza a reportagem, dizendo que não há recompensa maior do que a receptividade. O apresentador comenta que esse exemplo de exceção deveria passar a ser maioria.

Tabela 2: Detalhamento da reportagem que trata da desigualdade – analisa região, contexto, informações sobre locução e som, recursos gráficos, cenários e quadros.

Tema/retranca	“Mulheres e homens trans têm maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho” (2017)
ID	6
Região	Teresina (Piauí)
Contexto	Em 2015, foram registrados 1,8 homicídios por milhão de pessoas LGBTI+ no Nordeste, de acordo com dados do Relatório anual do Grupo Gay da Bahia.
Locução e som	Cinco entrevistados discutem e ilustram o tema. Na hora do encontro entre professora e alunos, o som ambiente registra conversas e risadas.
Recursos gráficos	Arte na tela para ilustrar as taxas de escolarização de pessoas transexuais e travestis no Brasil. A identificação das fontes se dá pela sua profissão.
Cenários e quadros	Entrevistados em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo normal (nível dos olhos). Imagens da personagem ilustram a harmonia na convivência entre professora e alunos - ideia proposta no texto.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O TEMA É UM ACONTECIMENTO

Seis das produções analisadas entraram na agenda da TV, acredita-se, por serem sobre datas específicas, como a Parada do Orgulho LGBTI+ e a Semana da Diversidade. Vale aqui discutir brevemente essa seleção de reportagens. Trata-se de acontecimentos dados da vida cotidiana levados para frente das câmeras. De acordo com Vera França (2012, p. 336), a tradução dessas situações em discursos midiáticos se dá não tanto pela “natureza da ocorrência, mas [pelo seu potencial de] narrativização”.

Em alguns dos casos, o tema motivou entradas nos jornais de primeira e de segunda edição apenas com nota coberta - “Parada LGBT encerra a semana da diversidade em Prudente” (2017b) e “Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo encerra Semana da

Diversidade” (2017a). Em outros, observou-se a motivação para produção de reportagens completas.

Esse foi o caso da matéria “Semana da Diversidade fecha com Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo” (2017). Aqui quem inicia o tema é o primeiro homem transexual do Brasil. Sob o discurso de que “todos têm o direito de ser quem quiserem” (SEMANA..., 2017), o escritor e militante adquire tom de personagem e de fonte oficial. Contrapondo-se a essa história de sucesso está outra entrevistada transexual, que conta as dificuldades em dar continuidade aos seus tratamentos hormonal e psicológico. Ela personifica a maioria que ainda não é contemplada pelas políticas públicas e reivindica essa igualdade na rede pública de saúde. O questionamento é respondido pelo governo através de nota lida pela apresentadora ao final da matéria. Nessa matéria o tema é tratado de forma séria, tom que aparece principalmente na postura e na fala dos entrevistados.

Já a reportagem “11ª Parada do Orgulho LGBT é realizada em Presidente Prudente” (2017) traz o mesmo evento já citado, mas com outras fontes e desdobramentos. Em oposição àquela reportagem, neste momento se fala em festa, cor e música. E é justamente isso o que transmitem texto, imagens e sonoras. Cinco entrevistados compõem a reportagem. O primeiro deles é uma *drag queen* que fala sobre a importância do evento em prol da união, da paz e do respeito. Falam também outros dois participantes e uma senhora - ela diz sempre participar do evento, “mesmo não fazendo parte da comunidade LGBT”. (11ª PARADA..., 2017) Então o organizador da Parada diz que não se trata apenas de festa, porque, segundo ele, a semana contou com diversas ações para promover a igualdade. Quando o jornal volta para a bancada da apresentadora, o clima de descontração se afasta justamente pelo tom de distanciamento da jornalista ao reportar o evento “desse público”. (11ª PARADA..., 2017) Aqui é possível fazer referência à noção de “outro” proposta por Stuart Hall (2016) e explicitada por Vânia Costa (2015), Judith Butler (2017) e Caio Costa (2009).

Segundo Hall (2016), nessa representação da alteridade está o processo de estereotipagem. De certo modo a relação com a diferença é tanto necessária para a significação quanto prejudicial quando pensada a partir do preconceito. Para Butler (2017), no caso específico da homofobia, o repúdio ao corpo em função do sexo e sua aversão consolidam identidades hegemônicas e colocam a diferença em situação de subalternidade.

Quando uma artista trans defende na reportagem “Show trans reúne atrizes travestis e transexuais com experiência em palcos” (2017) que o evento é para toda a família, ela está justamente procurando romper com essa distância entre “nós, transexuais” e a “instituição familiar normativa”. Além dela, outras duas intérpretes comentam sobre as preparações e fazem um convite para o Trans Show. A motivação para participar do evento é reforçada pela ideia de que se apresentarão apenas atrizes com experiência internacional. Observa-se aí uma luta por reconhecimento - situação que ultrapassa as telas das televisões.

Por fim, tem-se a reportagem “Dia Nacional da Visibilidade Trans é lembrado em Roraima” (2017), na qual se discute a data que promove a evidência das pessoas LGBTI+, transexuais e travestis, e o apresentador expõe a programação promovida pela Universidade Federal de Roraima. Contudo, quem debate o tema em estúdio com ele não é um representante do evento, mas um defensor público da Corregedoria de Roraima. A visibilidade e, mais do que isso, a representatividade trans não são colocadas em prática nem sequer quando se discute exatamente esse tema. O entrevistado começa elencando o principal âmbito no qual, segundo ele, devem acontecer mudanças em prol de uma sociedade com mais igualdade: a educação. Em quase seis minutos de conversa, a população recebe diversas informações sobre a adoção do nome social e o enfrentamento (jurídico) à homofobia.

Tabela 3: Detalhamento das seis reportagens que tratam de um acontecimento específico (agenda) – analisa região, contexto, informações sobre locução e som, recursos gráficos, cenários e quadros.

Tema/ Retranca	“Parada LGBT encerra a semana da diversidade em Prudente” (2017b)	“11ª Parada do Orgulho LGBT é realizada em Presidente Prudente” (2017a)	“Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo encerra Semana da Diversidade” (2017)	“Semana da Diversidade fecha com Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo” (2017)	“Show trans reúne atrizes travestis e transexuais com experiência em palcos” (2017)	“Dia Nacional da Visibilidade Trans é lembrado em Roraima” (2017)
ID	2	3	4	5	7	9
Região	Interior de São Paulo	Interior de São Paulo	Interior de São Paulo	Interior de São Paulo	Alagoas (Maceió)	Boa Vista (Roraima)

Contexto	Em 2017, foi o segundo estado com maior número de assassinatos de LGBTI+.	Em 2017, foi o segundo estado com maior número de assassinatos de LGBTI+.	Em 2017, foi o segundo estado com maior número de assassinatos de LGBTI+.	Em 2017, foi o segundo estado com maior número de assassinatos de LGBTI+.	Em 2017, foram registrados 6,81 homicídios por milhão de habitantes em Alagoas (de pessoas LGBTI+).	Em 2017, foram registrados 3,23 homicídios por milhão de habitantes no Norte (de pessoas LGBTI+).
Locução e som	Narração da repórter com som ambiente da Parada - música do trio elétrico e movimento dos participantes. Texto falado insiste nas cores e na alegria do evento.	Som ambiente da Parada, com música do trio elétrico e movimento dos participantes. Texto falado insiste nas cores e na alegria do evento, mas ressalta seu objetivo maior (luta por igualdade) e traz isso nas entrevistas. Cinco entrevistados discutem e ilustram o tema. Passagem da repórter situa o final da festa.	Narração da repórter com som ambiente da Parada - música do trio elétrico e movimento dos participantes. Texto recapitula o que ocorreu durante a Parada e a Semana da Diversidade.	Repórter anuncia a Parada que será realizada no dia seguinte e introduz o tema da reportagem: políticas públicas para pessoas LGBTI+. Dois entrevistados discutem e ilustram o tema. Personagem/ fonte conta de forma séria seu percurso em prol da igualdade de gênero.	A reportagem é aberta com a apresentação da personagem, uma das artistas que irão participar do Trans Show. Ao fundo, toca a música de Edith Piaf que será interpretada - “Non, je ne regrette rien”. Em seguida, ela mesma se apresenta contando seu envolvimento com a arte e a causa LGBT+. Ao todo, três entrevistadas discutem e ilustram o tema. Olhando para a câmera, portanto se direcionando diretamente ao público, a última entrevistada convida todas as famílias a participar do evento.	Repórter fala do “esclarecimento do assunto” e da programação da Semana da Diversidade. Diz ainda que “não adianta a sociedade fechar os olhos, porque as pessoas trans existem e estão aí para serem vistas”. Ele apresenta o defensor com quem irá debater o tema. O tom da conversa é fechado.
Recursos gráficos	Apenas identificação do local do evento/ da reportagem.	A identificação das fontes se dá por sua profissão e, em um dos casos, pelo envolvimento com o tema - organizador da Parada.	Apenas identificação do local do evento/ da reportagem.	A identificação das fontes se dá por sua profissão.	A identificação da primeira fonte se dá pelo envolvimento com a causa trans. Ela é presidente da Associação Cultural de Travestis e Transexuais. As duas outras entrevistadas são identificadas por sua profissão.	A identificação da fonte se dá por sua profissão/ função e aparece duas vezes durante a entrevista.

Cenários e quadros	Quatorze <i>takes</i> ilustrando a Parada.	Mesmas imagens da nota coberta (2). Entrevistados em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo normal.	Mesmas imagens da nota coberta (2). Onze <i>takes</i> ilustrando a Parada.	Entrevistados em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo normal. <i>Takes</i> internos registram seriedade e as imagens acompanham o tom da discussão.	Reportagem começa com <i>take</i> dramático - um <i>plongée</i> em primeiríssimo plano - que ilustra a atuação em cena da entrevistada. Entrevistadas em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo normal. <i>Takes</i> em plano detalhe ilustram a preparação das artistas para o show.	Entrevista de estúdio em plano médio e primeiro plano. Entrevistado e repórter posicionados em altura normal e em plano $\frac{3}{4}$ (quase de perfil).
--------------------	--	---	--	---	---	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O TEMA É UM BOM EXEMPLO

A questão da adoção do nome social e do auxílio promovido pela defensoria pública também é tema da reportagem “Mutirão ajuda pessoas trans e travestis a mudar nome no Recife” (2017). Aqui, assim como na produção discutida anteriormente, trata-se de reportagens de serviço que visam uma maior “aproximação com os problemas cotidianos da população”. (GOMES, 2012, p. 52) Tal prática, segundo Gomes (2012), é um investimento da Rede Globo em busca de uma melhor relação com a audiência. Neste caso específico, é a ação em si que ganha espaço na agenda da TV. Por meio de duas entradas ao vivo, a jornalista explica o processo para a utilização do nome social, discute as implicações dessa possibilidade e levanta a importância do mutirão. Essa transmissão em tempo real é uma forma, segundo Gomes (2012, p. 50), de reforçar “o pacto de atualidade estabelecido com a audiência”. Os apontamentos da repórter são oficializados pelo defensor público entrevistado e personificados por um rapaz transexual que está em busca da troca de prenome. Ao questioná-lo sobre o (auto)reconhecimento de sua sexualidade, a repórter pede “desculpas pela invasão” (MUTIRÃO..., 2017). O personagem responde de pronto, mas um tanto constrangido. Tal situação desenha uma parcela do tabu que (ainda) é falar sobre o tema. Em contraponto a esse embaraço vem a frase final do apresentador: “Iniciativa bacana que só reforça o respeito que nós devemos ter por todo mundo”. (MUTIRÃO..., 2017)

Em “Prêmio de Direitos Humanos e Cidadania LGBT é entregue em Belo Horizonte” (2017) essas boas iniciativas citadas pelo apresentador de Recife (MUTIRÃO..., 2017) ganham espaço no telejornal. Nessa matéria, o noticiário de Minas entrevista quatro fontes que discorrem sobre a importância do evento. Nas falas fica evidente a ideia de que a busca por igualdade - e não por privilégios - só aumenta e merece ser reconhecida. Aqui também, de certo modo, a apresentação de um prêmio de reconhecimento está ligada à noção de felicidade e positividade comumente retratada nas produções jornalísticas. São representações como essas que, segundo Freire Filho (2012), legitimam os sonhos e encaminham para novos pedidos e lutas.

Falando em aspirações e enfrentamentos, a matéria “Câmara de Uberlândia aprova em 1º turno projeto sobre uso do nome social de pessoas trans” (2017) noticia um fragmento da consolidação desse pedido de reconhecimento. A produção se inicia com entrevista da vereadora autora da medida que prevê o uso do nome social. Além de fonte oficial, a entrevistada também aparece como personagem da matéria, pois ela mesma ainda não conseguiu trocar o prenome nos seus documentos. Outro vereador entrevistado discute e reconhece o projeto. É o repórter quem introduz uma opinião contrária, que vem com a fala de um terceiro vereador explicando essa posição. Com a aprovação da emenda anunciada na reportagem, a integrante do Grupo de Apoio às Diversidades e à Integração Social (Gadis) finaliza ressaltando a importância emancipatória do reconhecimento do nome social.

Tabela 4: Detalhamento das três reportagens que retratam exemplos de reforço da igualdade – analisa região, contexto, informações sobre locução e som, recursos gráficos, cenários e quadros.

Tema/retranca	“Prêmio de Direitos Humanos e Cidadania LGBT é entregue em Belo Horizonte” (2017)	“Câmara de Uberlândia aprova em 1º turno projeto sobre uso do nome social de pessoas trans” (2017)	“Mutirão ajuda pessoas trans e travestis a mudar nome no Recife” (2017)
ID	1	8	10
Região	Interior de São Paulo	Araxá (interior de Minas Gerais)	Recife (Pernambuco)
Contexto	Em 2017, foi o segundo estado com maior número de assassinatos de pessoas LGBTI+.	Em 2017, foi o estado com maior número de assassinatos a pessoas LGBTI+.	Em 2017, no Nordeste, foram registrados 2,71 mortes por milhão de habitantes (de pessoas LGBTI+).

<p>Locução e som</p>	<p>Texto do repórter fala em cores e diversidade. Há som ambiente das apresentações e de palmas durante a premiação. Quatro entrevistados discutem e ilustram o tema.</p>	<p>A reportagem começa com a apresentação da personagem/fonte. Abre-se o áudio para registrar a emoção presente no discurso da vereadora e as palmas que refletem aprovação. A passagem do repórter divide as opiniões em relação ao tema e apresenta essa segmentação a partir do número de votos. Antes dele, falaram aqueles que eram favoráveis ao projeto. Depois aparecem os vereadores com opinião contrária. Há som ambiente da comemoração do lado de fora da Câmara. A reportagem encerra com sonora da presidente da ONG Gadis falando sobre a importância da aprovação do projeto.</p>	<p>A entrada ao vivo dá a impressão de deixar a repórter um tanto quanto desconfortável. Ela explica a mudança na documentação para o nome social. A câmera já está aberta em plano americano e o primeiro entrevistado já aparece ao lado da jornalista. Na apresentação desse personagem, a repórter suprime o artigo “o” e por vezes usa preposições sem definir o artigo - no caso, o masculino. (Questiona-se se isso é feito de forma intencional, por um constrangimento em relação ao gênero, ou se é apenas por conta dos registros de fala, que mudam de região para região.) O desconforto da repórter em tratar do tema fica mais evidente quando ela pede desculpas ao entrevistado por perguntar quando ele havia se assumido transexual. Repórter e apresentador interagem no retorno da entrada e ela volta a conversar com os entrevistados, esclarecer dúvidas e comentar a expectativa de realizar a troca do nome social. O apresentador finaliza a matéria elogiando a iniciativa.</p>
<p>Recursos gráficos</p>	<p>A identificação das fontes se dá pelo envolvimento com a causa LGBTI+. Um dos premiados, entrevistado, é identificado por sua profissão.</p>	<p>A identificação das fontes se dá pelo envolvimento com a causa LGBTI+ ou por sua função. Mostra-se uma arte na tela para ilustrar o projeto de lei que está em discussão na Câmara e posteriormente para mostrar a emenda supressiva proposta pela frente de oposição.</p>	<p>A identificação das fontes se dá por sua profissão. Uma arte na tela registra o endereço onde ocorrerá o mutirão.</p>

<p>Cenários e quadros</p>	<p>No início da reportagem, a câmera procura retratar o que o texto descreve: cores e diversidade. As apresentações artísticas são filmadas a partir da plateia, como se assistidas pelo telespectador. Entrevistados em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo normal.</p>	<p>Entrevistados em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo levemente alto na fala da vereadora e ligeiramente baixo na segunda sonora. Entrevista com vereador contrário ao projeto em plano $\frac{3}{4}$ e câmera frontal. Mais ao fim da reportagem, a câmera de vídeo faz a vez e o posicionamento de câmera fotográfica, justamente para registrar o momento da foto do grupo que comemora a aprovação do projeto. Última entrevista em plano $\frac{3}{4}$, câmera em ângulo levemente baixo.</p>	<p>Entrevista com personagem começa em plano americano e vai fechando até o primeiro plano. A entrevista com o defensor acontece também na parte externa. Jornalista e fonte estão em pé. Quando o jornal volta ao tema, personagem e fonte são entrevistados em pé, mas dessa vez no local onde ocorrerá o mutirão.</p>
----------------------------------	---	---	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale dizer que este estudo teve caráter exploratório, principalmente pela forma como selecionou as reportagens e lidou com a grande abrangência de seus contextos de produção. Isso porque a abordagem cultural demanda uma investigação que vá além da apuração do conteúdo. Ela deve contemplar e problematizar também as imagens e seu contexto de produção, além de levar em consideração a mensagem denotativa, a retórica e as escolhas (de ângulo, de fontes, de palavras, de silêncios) estampadas na tela. (COSTA, 2015)

Fica evidente, portanto, a utilidade de olhar o telejornalismo a partir do viés cultural. Sob essa perspectiva, o contexto se transforma em ferramenta para uma melhor compreensão do objeto, pois a cultura, a economia, as relações sociais e a política são levadas em consideração, de forma integrada. Ainda, passa-se a olhar para o telejornalismo enquanto produção, difusão e recepção, entendendo os momentos de separar cada etapa para facilitar o estudo, mas reagrupando tais fases quando da análise.

Levando isso em consideração, procurava-se, inicialmente, pesquisar o *Jornal Nacional* da Rede Globo como um todo. Dentro desse produto fechado, buscava-se a identificação e a investigação da representação de transexuais, *drag queens* e travestis. Contudo, o

que se observou foi uma situação de não representação da comunidade LGBTI+ no horário nobre da emissora com maior índice de audiência no Brasil.

Como o objetivo da pesquisa era investigar a representação trans no telejornalismo, partiu-se para a análise das dez reportagens mais recentes encontradas na busca pelos termos “trans” e “LGBT” no *site* da Globo. Pode-se notar que a maioria das matérias tem como pauta algum evento ou data específica que trate do tema, provavelmente elencados por seu potencial enquanto narrativa. (FRANÇA, 2012)

Em seguida, tem-se ações e bons exemplos, histórias que fogem à regra e exercem um papel de exceção diante do contexto de discriminação e de violência de gênero. São a implicação, de acordo com Freire Filho (2012), das formas e normas da vida feliz - temática que tem assento reservado no telejornal brasileiro e que exerce papel fundamental na construção de identidades e imaginários sociais. Segundo o autor, esse tema e a materialidade da linguagem televisiva contribuem “para encorajar o telespectador a agir, de maneira responsável, em benefício de sua felicidade, retificando ou fortalecendo crenças, hábitos e condutas” (FREIRE FILHO, 2012, p. 77).

Por fim, pouco noticiado em comparação com os outros temas, há justamente esse cenário atual de preconceito e violência em que a cada 25 horas uma pessoa LGBTI+ é assassinada no Brasil (GRUPO GAY DA BAHIA, 2017)⁵. Só em 2016 foram 343 registros de homicídio de pessoas LGBTI+, dos quais 42% foram contra transexuais. A partir do levantamento realizado desde 2011, nota-se que 27% desses crimes ocorreram por meio de armas brancas, espancamentos e apedrejamentos. Apesar de haver inúmeros casos para informar, a partir da presente análise, pode-se dizer que a tragédia real de agressão à comunidade trans passa longe das lentes.

Em se tratando das dimensões audiovisuais, conforme Costa (2015), fica clara a importância da presença do entrevistado - ponto que, segundo a autora, deve ser estudado com cautela. De acordo com ela, ao registrar a voz do falante, a palavra captada é “levada para longe e lançada no espaço. Transforma-se em algo outro, já que o significante não é exportável, torna-se o próprio ‘corpo que significa’”. (COSTA, 2013, p. 10) A autora quer dizer aqui que nunca se leva dentro das reportagens o lugar de fala e as visões de mundo dos entrevistados. Também não estarão presentes em sua versão final o olhar explícito do cinegrafista e os recortes propostos pelo jornalista. Fica evidente,

então, que a notícia é uma (re)construção do real, baseada em inúmeras representações. (COSTA, 2009)

Essa relação com o discurso do outro foi observada em diversos momentos das reportagens. Mesmo quando a temática era LGBTI+, ainda persistiam fontes que ocupavam distintos lugares de fala e que talvez não tivessem tanta legitimidade para tratar do assunto. Portanto, pode-se dizer que, na presente análise, a reportagem é majoritariamente norteadada pela fala do exterior - como aquele que presencia, registra e transmite à distância.

Vê-se, portanto, um problema de representação e de trato do tema e, mais do que isso, uma situação de silêncio e de invisibilidade. Tal cenário condiz com a noção de Butler (2017) de que são as instituições (família, normas, *media*, escola, igreja) que criam as normatizações e categorizações de sexo/gênero, as regulam, negam e, por fim, as excluem. Vale, então, que nós, enquanto jornalistas e pesquisadores, (re)pensemos o jogo de representações, enquadramentos e distanciamentos, levando em consideração o peso das nossas narrativas e a escolha dos embarques em nossos telejornais-ônibus.

REFERÊNCIAS

11ª PARADA do Orgulho LGBT é realizada em Presidente Prudente. **G1**, Rio de Janeiro, 10 jul. 2017.

Disponível em: <https://glo.bo/2XBPDaa>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ALSINA, Miguel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÂMARA de Uberlândia aprova em 1º turno projeto sobre uso do nome social de pessoas trans. **G1**, Rio de Janeiro, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://glo.bo/2PtBmYN>. Acesso em: 10 jul. 2017.

COSTA, Caio Túlio. Jornalismo como representação da representação: implicações éticas no campo da produção da informação. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 29-41, 2009.

COSTA, Vânia Maria Torres. Quando a imagem fala e o texto grita: reflexões sobre modos de representar no jornalismo televisivo. **XXII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal da Bahia, 2013.

Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2108.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. Quando a imagem fala e o texto grita: reflexões sobre modos de narrar no jornalismo televisivo. *Culturas Midiáticas*, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 196-210, 2015.

DIA Nacional da Visibilidade Trans é lembrado em Roraima. **G1**, Rio de Janeiro, 27 jan. 2017. Disponível em: <https://glo.bo/2PuLaBQ>. Acesso em: 10 jul. 2017.

DUCCINI, Hélène. *La télévision et ses mises en scène*. Paris: Armand Colin, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Jornalismo e estudos culturais: uma perspectiva cultural. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: Edufba, 2012. p. 25-38.

FRANÇA, Vera V. Tevê, jornalismo e acontecimento. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: Edufba, 2012. p. 329-347.

FREIRE FILHO, João. A tirania da positividade: formas e normas da vida feliz no Globo Repórter. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: Edufba, 2012. p. 75-96.

GOMES, Itania Maria Mota. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do *Jornal Nacional*, da Rede Globo. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: Edufba, 2012. p. 39-58.

GRUPO GAY DA BAHIA (Bahia). *Relatórios anuais de mortes LGBTI+*. 2017. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 10 jul. 2017.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

LOBO, Paula; CABECINHAS, Rosa. As mulheres nas notícias televisivas: metodologia para uma análise crítica das representações sociais de género. In: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel (org.). *Comunicação e cidadania: actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação: 6-7 de setembro de 2007*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2008. p. 1729-1736.

MORIN, Edgar. *O método*. Porto Alegre: Sulina, 2002. 6 v.

MULHERES e homens trans têm maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. **G1**, Rio de Janeiro, 24 maio 2017. Disponível em: <https://glo.bo/2Dkh7dM>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MUTIRÃO ajuda pessoas trans e travestis a mudar nome no Recife. **G1**, Rio de Janeiro, 25 jan. 2017. Disponível em: <https://glo.bo/2XxW1PZ>. Acesso em: 10 jul. 2017.

PARADA do Orgulho LGBT no Parque do Povo encerra Semana da Diversidade. **G1**, Rio de Janeiro, 10 jul. 2017a. Disponível em: <https://glo.bo/2DqIQcG>. Acesso em: 10 jul. 2017.

PARADA LGBT encerra a semana da diversidade em Prudente. **G1**, Rio de Janeiro, 10 jul. 2017b.

Disponível em: <https://glo.bo/3ibvdgf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. Reflexões sobre as pesquisas em TV no Brasil: propostas metodológicas e formas de análise dos telejornais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 146-162, 2015.

PRÊMIO de Direitos Humanos e Cidadania LGBT é entregue em Belo Horizonte. **Globo Play**, Rio de Janeiro, 14 jul. 2017. Bom Dia Minas. Disponível em: <https://bit.ly/39Z4LDJ>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SEMANA da Diversidade fecha com Parada do Orgulho LGBT no Parque do Povo. **G1**, Rio de Janeiro, 8 jul. 2017. Disponível em: <https://glo.bo/31jgvg8>. Acesso em: 11 jul. 2017.

SHOW trans reúne atrizes travestis e transsexuais com experiência em palcos. **G1**, Rio de Janeiro, 12 maio 2017. Disponível em: <https://glo.bo/2XQ9ZwP>. Acesso em: 11 jul. 2017.

WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público**. São Paulo: Ática, 1990.

NOTAS

- ¹ “[...] a televisão é cada vez mais proclamada como a mídia da proximidade e do compartilhamento social” (DUCCINI, 2011, p. 8, tradução nossa). No original: “[...] la télévision est de plus en plus affirmée comme le média de la proximité et du partage social”.
- ² Entende-se aqui representação enquanto produção de significados, por parte de membros de uma mesma cultura, por meio da linguagem. Tal construção de sentidos está no âmago da cultura. (HALL, 2016)
- ³ “É a reunião em torno de uma FD [formação discursiva], de diversos pequenos significados que constroem e consolidam aquele sentido nuclear. Benetti (2008) propõe que a partir das FDs seja possível enxergar aquilo que pode e deve ser dito em oposição ao que não pode e não deve ser dito”. (COSTA, 2015, p. 201)
- ⁴ Entende-se “*videotape*” (VT) como reportagem completa; “nota coberta” (NC) como narração do repórter coberta por imagens; “*stand-up*” como entrada ao vivo do repórter (nesse caso, com entrevistados); e “estúdio” como entrevista realizada durante o jornal, em frente ao apresentador.
- ⁵ Dados do Grupo Gay da Bahia (2017). A própria associação ressalta que tais estatísticas estão aquém da realidade atual por conta dos altos índices de subnotificação.

Artigo recebido em: 23 de março de 2019.

Artigo aceito em: 20 de dezembro de 2019.